

O design feminista e a arte de mulheres negras de Porto Alegre

Feminist design and the art of black women in Porto Alegre

Maria Clara Aquino¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8230-5921>

Hallana da Rosa Vitória²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3520-610X>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i47.2033>

[**resumo**] Este artigo apresenta parte de uma pesquisa que investiga como o processo criativo de mulheres negras artistas de Porto Alegre contribui para o design feminista, abordagem que articula práticas de design e princípios feministas. Com base em revisão bibliográfica sobre feminismo negro e design feminista, realizamos mapeamento e entrevistas com quatro artistas. As respostas evidenciam que, quando atravessado por epistemologias do feminismo negro, o design feminista se configura como prática situada, conectada às experiências dessas mulheres e atuante além do espaço acadêmico, emergindo como instrumento de resistência, reinvenção e justiça social.

[**palavras-chave**] **Design feminista. Feminismo negro. Arte. Porto Alegre.**

[**abstract**] This article presents part of a research project that investigates how the creative process of black women artists in Porto Alegre contributes to feminist design, an approach that combines design practices with feminist principles. Based on a literature review on black feminism and feminist design, we mapped artists and conducted interviews with four of them. The responses reveal that, when informed by the epistemologies of black feminism, feminist design becomes a situated practice, connected to these women's experiences and operating beyond academic spaces, emerging as a tool for resistance, reinvention, and social justice.

[**keywords**] **Feminist design. Black feminism. Art. Porto Alegre.**

Recebido em: 05-01-2026.

Aprovado em: 11-06-2026.

¹ Doutora em Comunicação e Informação, docente do Programa de Pós-Graduação em Design da Unisinos; E-mail: aquino.mariaclara@gmail.com. <https://lattes.cnpq.br/1404759638253577>.

² Mestre em Design Estratégico pela Unisinos. E-mail: contato@hallanav.com. <https://lattes.cnpq.br/7580890459436525>.

Introdução

Segundo o último Censo Demográfico do IBGE (2022), o total da população que habita o Brasil corresponde a 203 milhões de pessoas. Desse número, cerca de 51,5% são pessoas do gênero feminino (Valor, Globo, 2023). Esses dados expressam a realidade brasileira, mas não questionam a raça da população em um país no qual o percentual de pessoas negras e pardas é de cerca de 56% (Fiocruz, 2023). Apesar de as pessoas negras serem a maior parte da população do Brasil, no setor cultural a sua presença é em menor número, como aponta o Sistema de Informações e Indicadores Culturais de 2019, desenvolvido pelo IBGE. A pesquisa mostra que entre os anos de 2014 até 2018 houve um aumento de 183 mil pessoas contratadas no setor cultural brasileiro, representando, assim, um crescimento de 8%. Em uma abordagem mais ampla, dentro do cenário cultural brasileiro as pessoas negras constituem cerca de 45,7%, já as pessoas brancas equivalem a 52,6%. Além disso, desde 2017 as mulheres são maioria no setor cultural e representam 50,5% (Silva e Martins, 2020).

Através desses dados, é possível perceber que, no setor cultural, a equidade de raça ainda não atingiu patamares satisfatórios. Isso significa que o número de pessoas negras nesse setor não corresponde, de forma equilibrada, ao número de pessoas negras que fazem parte da população. Aqui apontamos o termo equidade, tendo em vista que, segundo Djamil Ribeiro “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (2017, p. 25). Ribeiro aborda essa realidade para explicar como as mulheres negras e as mulheres brancas possuem demandas sociais distintas na lógica do feminismo negro.

Nas pesquisas pautadas pelo design feminista, encontramos referências que cruzam estudos de gênero, design crítico, teoria feminista e práticas de design participativo. Quando tentamos situar o feminismo negro nesta vertente, notamos a lacuna epistêmica que existe, frente a uma invisibilidade das contribuições de mulheres negras. Nesse sentido, debates que envolvem design decolonial, design interseccional e *design justice* são essenciais para reflexão sobre o design contemporâneo.

Neste artigo trazemos parte da discussão teórica e dos dados coletados para uma dissertação de mestrado que analisa como o processo criativo de mulheres negras artistas de Porto Alegre pode contribuir para a abordagem de design feminista. De forma qualitativa, a pesquisa foi feita a partir do levantamento bibliográfico sobre o feminismo negro e o design feminista para embasar um mapeamento feito acerca das artistas negras de Porto Alegre. A partir desse mapeamento foram escolhidas quatro artistas que responderam a uma entrevista em profundidade e semi-aberta, com base nos conceitos de arte, feminismo negro, criatividade e design feminista: Fayola Ferreira, Karla Oliveira e Mitti Mendonça Pâmela Zorn. Esta última foi a única artista negra que recebeu o Prêmio de Incentivo à Criatividade no 24º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre no ano de 2024 (CÂMARA POA, 2024)³. Mais adiante frente trazemos alguns detalhes de suas biografias.

³ Câmara Municipal de Porto Alegre. Salão de Artes Plásticas da Câmara está aberto até o dia 8 de Novembro. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/salao-de-artes-plasticas-da-camara-esta-aberto-ate-o-dia-8-de-novembro>. Acesso em: 15 out. 2024.

O design feminista, dentro dos estudos sobre design, é uma abordagem que alia a prática do design a perspectivas e princípios feministas. Conectar a arte e o feminismo negro com o caráter projetual do design feminista é o que propomos com essa pesquisa, principalmente no que diz respeito a valorizar e considerar questões relacionadas a gênero e raça, na busca pela equidade: “Eu acho que na minha produção o feminismo foi muito importante para me fortalecer enquanto mulher negra, enquanto posicionamento político também, né?”. A fala de uma das artistas revela como o feminismo negro está intrinsecamente presente em sua trajetória, sendo um elemento de fortalecimento pessoal e político dentro do campo das artes.

Neste texto, exploramos parte desse conjunto de dados, focando especialmente nas questões feitas às artistas sobre o design feminista. Nosso objetivo através da definição deste foco é valorizar as identidades das artistas mulheres negras que, para além dessas questões, também carregam em suas trajetórias um repertório criativo único, exposto em suas criações artísticas. Essas criações fazem parte da história da população negra e, por isso, precisam ser organizadas, registradas e colocadas em evidência, para que, assim, sejam reconhecidas como referência para a academia, não apenas no campo das Artes, mas também em outras áreas que compõem a Indústria Criativa, como o Design.

2. Arte e Feminismo Negro em Porto Alegre

Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul, estado que está em nonolugar em promover a economia do país⁴ (). A partir desse dado e dentro do contexto econômico, nota-se que os pilares que constituem a economia brasileira são agricultura, indústria e serviços. Sendo assim, a forma possível de encaixar a arte em uma dessas frentes econômicas é pensar no ato de fazer arte como uma prestação de serviço à população. A arte pode ser atribuída a diferentes formatos dentro do pilar de serviços como: peças teatrais, exposições, muralismo, bordados personalizados, shows musicais, produções de festas, saraus, intervenções artísticas, arquitetura, literatura, artesanato, entre outras possibilidades. Para além desses modelos de serviços artísticos, existe a alternativa de enxergar a arte como produto como, por exemplo: a venda de obras de arte, a criação de artesanatos, linhas de roupas em colaboração com artistas, objetos personalizados e etc.

A produção artística no Rio Grande do Sul começou a ganhar forma no final do século XIX e início do século XX. Antes disso, já havia alguns registros pontuais de expressões artísticas, mas ainda sem uma institucionalização ou circuito de arte organizado. “As artistas mulheres do Rio Grande do Sul sobre as quais há registros em livros e dicionários começaram a atuar, mais efetivamente, na década de 1940. As anteriores, que podem ser chamadas de pioneiras, estavam encobertas por um véu de esquecimento” recupera Vargas (2019, p. 27). Praticamente não há registro institucional de artistas mulheres negras neste período inicial, sendo apenas no final da década de 60 que uma artista pelotense se destaca no cenário

⁴ Porto Alegre está entre as três capitais com maior crescimento da participação do PIB em 2023. *Correio do Povo*. 19 dez. 2025. <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/economia/porto-alegre-esta-entre-as-tres-capitais-com-maior-crescimento-da-participacao-no-pib-em-2023-1.1676350> Acesso em: 13 mar. 26.

artístico gaúcho. Maria Lídia Magliani (1946-2012) rompe com o apagamento da subjetividade negra no campo artístico local, participando de salões e exposições nacionais. Sua obra aborda corpo, identidade, raça e marginalização.

No ano de 1991 a prefeitura de Porto Alegre criou o programa de arte pública “Espaço Urbano Espaço Arte”, uma iniciativa inédita no Brasil. Através de editais públicos, as pessoas artistas poderiam se inscrever para criarem obras de arte que ficariam expostas pela capital gaúcha. As criações não possuíam nenhum viés comemorativo, sendo assim, cada artista poderia criar seguindo o seu estilo. Muitos monumentos públicos presentes em Porto Alegre receberam algum tipo de influência dessa iniciativa. Portanto, a linguagem contemporânea e não tradicional ganhou destaque neste programa governamental que teve finalização em 2002 (Alves, 2008).

A artista Ana Luz Pettini afirma que “a cidade de Porto Alegre tem uma história na Arte Pública. São conquistas, acertos e desacertos” (Alves, 2008, p.12). Pettini entende a arte pública como “manifestações artísticas legitimadas que se encontram no espaço urbano da cidade integradas à paisagem da cidade, impondo ao cidadão uma visibilidade involuntária em seu percurso cotidiano”.

De acordo com matéria feita por Juan Ortiz para o Matinal (2020), a Secretaria Municipal de Cultura contabilizou 130 monumentos na cidade de Porto Alegre que prestam homenagem a alguma pessoa. Ortiz apresenta um mapeamento para compreender os recortes sociais destinados às homenagens. Desse universo de 130 monumentos, 80 são dedicados a homens brancos, isso equivale a 60%. Outros dados que se destacam são que: nove monumentos, equivalentes a 6,92%, foram feitos para homenagear a população negra e nove, correspondentes a 6,92%, para homenagear as mulheres. Os demais monumentos, 32 (26,16%), homenageiam outros recortes sociais como judeus e sírio-libaneses. No dia 20 de novembro de 2024, Dia da Consciência Negra, foi inaugurado o monumento em homenagem ao Zumbi dos Palmares, no espaço que leva o mesmo nome, em Porto Alegre (G1, 2024). Logo, atualmente, existem dez monumentos que homenageiam a população negra na cidade.

O censo de 2022 traz os dados mais atualizados sobre a população negra no Brasil, composta pela soma de pessoas pretas (10,2%) e pardas (45,3%), representando 55,5% da população total, atingindo o número de cerca de 112,7 milhões de pessoas. A população quilombola, mapeada pela primeira vez, corresponde a 0,66% da população brasileira, totalizando 1,33 milhão de pessoas. Em Porto Alegre, 26% da população total da capital é composta de pessoas pretas e pardas. Embora ainda seja majoritariamente branca (73,6%), a capital gaúcha tem registrado um aumento significativo na população preta (12,6%) e parda (13,4%). Os dados mostram que, dos 1.330.845 moradores da cidade, 345.391 se autodeclararam negros. O crescimento é observado em diferentes faixas etárias, com mais de 19 mil crianças de até 9 anos identificadas como negras, mantendo equilíbrio entre meninos e meninas. A partir dos 10 anos, porém, a população feminina se torna majoritária, com 159.495 mulheres negras, frente a 142.090 homens.

A população negra no Rio Grande do Sul é representada de “forma subalterna ou ocasional” nos documentos que registram a história do Estado. Helena Bonetto (2018, p. 12), em pesquisa a respeito dos imaginários urbanos sobre os negros em Porto Alegre, afirma que:

(...) embora entre os anos de 2010-2014 inúmeras iniciativas tenham sido direcionadas para visibilização das representações da escrita espacial negra na história de Porto Alegre, como o Museu de Percurso Negro, ainda persiste o imaginário dominante, constituído por representações que valorizam a cidade a partir da escrita espacial branca e de imigração europeia.

O Rio Grande do Sul é o oitavo estado com mais localidades em que habitam quilombolas, e destaca-se por ter 43% desta população quilombola em áreas urbanas, muito acima da média nacional. Porto Alegre é a capital brasileira que concentra o maior número destas comunidades, que representam centros de resistência cultural, como o Areal da Baronesa e o Quilombo da Família Silva, e enfrentam desafios como a regularização fundiária e a inserção em áreas valorizadas da cidade⁵.

A compreensão das trajetórias das artistas entrevistadas nesta pesquisa também demanda atenção ao ecossistema cultural e político de Porto Alegre, no qual se destacam iniciativas que tensionam as narrativas hegemônicas da arte no estado. O Museu de Percurso do Negro é um marco fundamental, composto por obras de arte em espaços públicos que registram a memória e a história da comunidade negra em Porto Alegre. Com isso, inscreve a memória afro-brasileira no espaço urbano e produz deslocamentos simbólicos importantes sobre pertencimento e visibilidade. Locais como o Largo da Epatur e o Cemitério da Santa Casa fazem parte dessa narrativa de valorização da trajetória afro-brasileira. A Mostra de Artes Cênicas Negras (CURA) realiza atividades focadas na produção de artistas negros, apresentando teatro, dança e intervenções que atuam como resistência à “doença colonial”. Reunindo companhias diversas, o evento propõe um olhar profundo sobre a contribuição de artistas negros, com edições que costumam ocorrer simultaneamente em Porto Alegre e Pelotas. A mostra inclui música, dança e teatro, com foco na ancestralidade e na força das mulheres negras. A Mostra Cultural Porto Negro evidencia a arte negra em diversos bairros de Porto Alegre (Centro, Cidade Baixa, Restinga, Leopoldina e Partenon), com atividades gratuitas, incluindo música, teatro e exposições, com foco em acessibilidade. É uma iniciativa que celebra a ancestralidade, a cultura negra e a valorização do afroempreendedorismo. Além destes, locais como o Afro-Sul/Odomode funcionam como centros de exaltação da cultura afro-gaúcha, com foco em dança, música e capoeira. Outro exemplo é o Galpão Cultural - Casa de Hip Hop, focado em atividades artísticas para jovens da comunidade. De modo semelhante, as ações e debates promovidos pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) têm contribuído para problematizar a histórica sub-representação de artistas negros e negras em seus acervos e exposições. Soma-se a isso a atuação do coletivo Maria Mulher - Organização de Mulheres Negras, cuja intervenção articula valorização cultural, formação política e enfrentamento ao racismo e ao sexismo. Tais iniciativas não apenas compõem o pano de fundo social dessas artistas, mas também configuram redes de apoio, disputa e legitimação que impactam diretamente a ampliação da presença de mulheres negras no campo artístico local.

⁵ PORTO ALEGRE. ObservaPOA. Áreas quilombolas de Porto Alegre. PROCENPA, Porto Alegre, 2016. Disponível em: https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/areas_quilombolas_de_porto_alegre.pdf. Acesso em: 22 fev. 2026.

Por outro lado, grande parte dos espaços culturais de Porto Alegre dedica um extenso protagonismo de artistas e admiradores de arte, que em sua maioria, são pessoas brancas. Isso não significa que esses espaços não estão abertos à diversidade ou que não fazem ações relacionadas ao protagonismo de pessoas negras na arte. Porém, o que ocorre é que, em muitos momentos, essas ações são pontuais e são realizadas em novembro devido ao dia 20, que é uma data histórica que retrata a importância da consciência negra. As artistas entrevistadas nesta pesquisa também chamam a atenção para a lembrança da população negra acontecer apenas nesta data. Entendemos que não há problemas em existir ações nesse período, inclusive, esses momentos são necessários para o crescimento da intelectualidade e antirracismo por parte da população local. Entretanto, a crítica a ser feita aqui é pela falta de permanência e regularidade do protagonismo de artistas negras nesses espaços, para além de datas sociais simbólicas, mas sim pelo fato de celebrar e registrar, com frequência, as suas identidades, vivências, saberes e artes.

A partir dessas conexões, percebe-se que as possibilidades são muitas quando se trata de visibilizar e comercializar a arte na capital gaúcha. No entanto, indo além do pensamento capitalista relacionado à arte, é imprescindível refletir sobre o seu impacto político e social para a sociedade. Isso porque, além do poder de expressar culturalmente a identidade de povos distintos, a arte também promove diferentes conjuntos de saberes e interesses, conjuntos estes que podem se conectar e desconectar, promovendo, assim, intercâmbios culturais únicos diante de uma determinada realidade.

Nesse viés, o feminismo negro é um aliado na luta das mulheres em promover suas manifestações artísticas. A partir de suas características, o feminismo se propõe a organizar as pautas sociais que envolvem as mulheres e suas diferenças, trabalhando com a ideia de interseccionalidade (Crenshaw, 1991, Akotirene, 2019) e atendendo aos marcadores sociais como raça, classe e gênero. As contribuições de Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2005) e Conceição Evaristo também complementam a reflexão sobre a arte negra. Gonzalez (2020) tensiona a pretensa universalidade estética ao evidenciar a centralidade das matrizes africanas na constituição cultural brasileira, permitindo compreender tais produções como deslocamentos epistêmicos no campo da arte e do design. Carneiro, ao discutir o epistemi-cídio, oferece ferramentas para analisar os mecanismos históricos de apagamento e sub-representação de mulheres negras nas instituições artísticas. Já Evaristo, com a noção de escrevivência, possibilita interpretar o processo criativo dessas artistas como prática situada, atravessada por memória, corpo e experiência, convertendo criação estética em gesto político (Duarte e Nunes, 2020).

Ao aprofundarmos a reflexão sobre a relação entre o feminismo negro e o design feminista, chegamos ao trabalho de Caroline Criado Perez. Em *Mulheres Invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens* (2022), Perez explica que a ausência das mulheres no decorrer da história é algo que percorre desde a pré-história, na qual são poucos os relatos sobre a função e papel social aplicado com protagonismo pelas mulheres. O que sabemos é sobre o desempenho dos homens, no contexto pré-histórico, através da caça, plantio e colheita. Essa ausência de protagonismo feminino ainda persiste na projeção de práticas do dia a dia, principalmente, no sentido de ser o corpo feminino usado como referência para atividades que são cotidianas.

O impacto pode ser pouco significativo: tremer de frio no escritório devido ao ar-condicionado ajustado para o padrão do corpo masculino, por exemplo, ou ter dificuldade para alcançar uma prateleira fixada a uma altura cômoda para homens. Irritante, com certeza. Injusto, sem sombra de dúvida (Perez, 2022, p. 11).

Essa ausência de interesse sobre as vivências femininas é algo violento e sistemático. Ao não conhecer as histórias das mulheres e suas experiências, os homens reforçam o paradigma e a construção do seu local social. Excluem e ignoram a maior parte das possibilidades de as mulheres serem vistas como referências, terem seus corpos respeitados, seus pensamentos ouvidos e compreendidos, além de suas ideias valorizadas. São esses, entre outros, os motivos que atravessam a pauta de estereótipos sociais, preconceitos de gênero, desigualdades, violências, misoginia, machismo, sexismo, heteronormatividade, androcentrismo e outros conceitos, que nos alertam para as urgências sociais que enfrentamos.

Entendemos que o design feminista é uma vertente de estudos no Design que pode ser aprimorada frente a lacunas como estas. No próximo item, aprofundamos nossa compreensão sobre esta perspectiva, tentando aproximá-la ainda mais do feminismo negro.

3. O design feminista é mesmo para todas as mulheres?

O design feminista parte do princípio de que toda prática de design é política e que, historicamente, os processos de criação e desenvolvimento de objetos, sistemas e tecnologias foram moldados a partir de valores patriarcais, coloniais e excludentes. Sasha Costanza-Chock (2020), que propõe o conceito de *design justice*, reposiciona o design como prática coletiva voltada à reparação de desigualdades estruturais, defendendo a centralidade das vozes marginalizadas — sobretudo pessoas racializadas, mulheres e pessoas trans — em todas as etapas do processo criativo.

A influência do feminismo negro, especialmente, a partir das contribuições de autoras como Kimberlé Crenshaw e bell hooks, aprofunda essa crítica ao mostrar que a experiência de mulheres negras com o design e a tecnologia está marcada por camadas históricas de exclusão, estigmatização e invisibilização. Como destaca Costanza-Chock, o design que não considera a interseccionalidade tende a reforçar estruturas de opressão, mesmo quando se apresenta como inclusivo.

Neste sentido, o design feminista, especialmente, quando orientado pelo feminismo negro, propõe não apenas uma crítica, mas uma reconstrução ética e política da prática projetual. Luiza Prado Martins (2017), por exemplo, propõe uma abordagem decolonial que questiona as narrativas eurocentradas do design moderno e insere experiências corporais racializadas como ponto de partida para imaginar outras estéticas e funcionalidades. Judith Butler (1990) e Donna Haraway (1985) também contribuem para deslocar as noções binárias e essencialistas sobre corpo e identidade, permitindo pensar um design mais fluido e situado. Assim, o design feminista interseccional articula uma política de projeto que não apenas inclui, mas é liderada pelas vozes historicamente silenciadas, transformando o design em ferramenta de emancipação e pluralidade.

A interseção entre o design feminista e o feminismo negro nos convoca a repensar radicalmente a maneira como artefatos, projetos e situações são concebidos no campo do design. Ao enfatizar a experiência vivida como fonte de conhecimento (hooks, 1995), o fe-

minismo negro oferece ferramentas conceituais potentes para que o design se reconecte com os corpos, os territórios e as histórias que habitam os objetos e sistemas que produz. A crítica à ausência de perspectivas do feminismo negro no campo do design feminista tem ganhado força nos últimos anos, principalmente em debates que envolvem design decolonial, design interseccional e *design justice*.

Egede *et al.* (2024) estabelecem um diálogo crítico com o design feminista discutindo a interação humano-computador, por exemplo, ao denunciarem que, mesmo em abordagens participativas e supostamente inclusivas, as mulheres negras continuam a ser sistematicamente invisibilizadas. Essa crítica ecoa os limites do design feminista hegemônico que, muitas vezes, universaliza experiências femininas sem considerar as especificidades da raça, da classe e da localização social — uma omissão que o feminismo negro há décadas denuncia. As pesquisadoras propõem que práticas de cuidado, escuta e reciprocidade — valores caros ao design feminista — só ganham densidade ética quando orientadas por uma perspectiva interseccional, em que mulheres negras não sejam apenas participantes, mas autoras e condutoras dos processos de design.

Nesse sentido, as práticas de artistas negras — muitas vezes guiadas por narrativas de resistência, memória e cuidado — já operam segundo lógicas que o design feminista busca teorizar e aplicar. Ao incorporar saberes ancestrais, linguagens corporais, coletividade e o cotidiano como espaço político, essas artistas criam processos criativos que são, em si, dispositivos de crítica e reinvenção do mundo. O processo criativo de artistas negras pode tensionar os limites do design, ao deslocar hierarquias de valor e visibilizar epistemologias marginalizadas. Dessa forma, o feminismo negro não apenas enriquece o design feminista com sua crítica interseccional, mas propõe práticas concretas — já presentes na arte de mulheres negras — que podem expandir os horizontes éticos, políticos e sensíveis do design contemporâneo.

O design feminista se apresenta, diante desta conjuntura social, como uma perspectiva que o torna tão importante quanto necessário. Quando entrevistamos artistas mulheres negras de Porto Alegre, conseguimos enxergar parte dessa discussão gerada pelo feminismo negro, e muitas vezes apagada de situações em que o design tem o potencial de desbancar práticas excludentes e reprodutoras de problemas estruturais da relação entre gênero e raça.

Exemplos de iniciativas que atuam para pensar e praticar um design mais inclusivo são relevantes para que mudanças estruturais sejam promovidas. Costanza-Chock (2020, p. 8) cita o *Design Research Centre (IDRC)*, uma iniciativa dentro do campo do *design* que tem a intenção de projetar de forma mais inclusiva:

[...] um centro de pesquisa e desenvolvimento onde uma comunidade internacional de desenvolvedores de código aberto, *designers*, pesquisadores, ativistas e voluntários trabalha em conjunto para garantir que as tecnologias da informação emergentes e suas práticas sejam projetadas de forma inclusiva.⁶

⁶ Original: (...) a research and development centre where an international community of open source developers, designers, researchers, advocates, and volunteers work together to ensure that emerging information technology and practices are designed inclusively

Em vista disso, propostas como essa são relevantes para a ampliação da ocupação de espaços onde pessoas historicamente marginalizadas sejam protagonistas de seus processos criativos. Práticas como a do IDRC potencializam a justiça social e tensionam os comportamentos hegemônicos, muitas vezes reforçados pelo design. Além disso, através da multidisciplinaridade, com a atuação e o envolvimento de pessoas vindas de áreas diversas, evidencia-se como o design fornece ferramentas em prol da transformação social. Na busca pela equidade de direitos, que é a premissa básica do feminismo, essa função atrelada às propostas de intervenções – que podem vir a ser criadas através da diversidade –, é um caminho possível para o fortalecimento das iniciativas relacionadas a essa intersecção entre o feminismo negro e o design feminista.

Esta descrição da justiça no design também ressoa fortemente com o atual e amplo crescimento do pensamento e da ação feminista interseccional, visível nos últimos anos nos Estados Unidos com o surgimento de movimentos sociais em rede como **#BlackLivesMatter**, o movimento pelos direitos dos imigrantes, a luta pelos direitos **LGBTQI+** e **Two-Spirit**, pela justiça de gênero e pela libertação **trans***, as lutas indígenas como **#IdleNoMore** e **#StandWithStandingRock**, o movimento por justiça das pessoas com deficiência, o movimento **#MeToo**, o movimento por justiça ambiental e novas formações no movimento trabalhista, como o **cooperativismo de plataforma** e **#TechWontBuildIt**. Esses movimentos lutam para resistir ao ressurgimento da extrema-direita e também para avançar propostas concretas em direção a um mundo mais justo e sustentável. Eles estão crescendo e, em 2018, forneceram o impulso para uma histórica eleição de meio de mandato que conquistou um número recorde de cadeiras para **pessoas de esquerda, pessoas queer e pessoas negras, indígenas e de cor (B/I/PoC)** no Congresso dos Estados Unidos⁷ (Costanza-Chock, 2020, p. 23).

Costanza-Chock, nos mostra como o design feminista é um movimento contemporâneo que se conecta com diversas outras manifestações sociais, pois o espectro do gênero é indissociável de outras construções coletivas. Essa transposição de práticas e vivências vai ao encontro da realidade das artistas negras em Porto Alegre, isso porque suas produções estão profundamente atravessadas por experiências de raça, ancestralidade, classe e dissidência de gênero. Nesse sentido, o design feminista, quando enraizado nas epistemologias do feminismo negro, torna-se mais do que um campo de estudo: transforma-se em prática de mundo, de cuidado coletivo e de reinvenção política.

⁷ Original: This description of design justice also resonates strongly with the current widespread rise of intersectional feminist thought and action, visible in recent years in the United States in the emergence of networked social movements such as **#BlackLivesMatter**, the immigrant rights movement, the fight for **LGBTQI+** and **Two-Spirit** rights, gender justice, and **trans*** liberation, indigenous struggles such as **#IdleNoMore** and **#StandWithStandingRock**, disability justice work, the **#MeToo** movement, the environmental justice movement, and new formations in the labor movement such as platform cooperativism and **#TechWontBuildIt**. These movements fight to resist the resurgent extreme right, and also to advance concrete proposals for a more just and sustainable world. They are growing, and in 2018 provided the momentum for a historic midterm election that won record numbers of seats for leftists, queer people, and **B/I/PoC** in the US Congress (Costanza-Schock, 2020, p. 23).

4. O design feminista na prática de artistas mulheres negras de Porto Alegre

Na pesquisa realizada no mestrado, a partir do objetivo de analisar como o processo criativo de mulheres negras artistas de Porto Alegre pode contribuir para a abordagem de design feminista, entendemos que a entrevista em profundidade semiestruturada (Barros e Duarte, 2005) com mulheres desta cena era fundamental para obtermos dados que nos ajudassem a entender se e como o design feminista aparecia, de alguma forma, em suas falas sobre seus processos. De acordo com Barros e Duarte (2005, p. 64):

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Esse tipo de pesquisa, além de promover uma maior aproximação com a fonte a ser analisada, permite flexibilidade para explorar temas relevantes que surgem durante a conversa, adaptando-se às respostas das entrevistadas e aprofundando a discussão quando necessário. Isso significa que as perguntas podem ser modificadas ou refeitas ao longo da entrevista e a pessoa entrevistada também pode modificar as suas respostas no decorrer da conversa. Para este artigo, como optamos por aprofundar a discussão sobre o design feminista, o feminismo negro e a arte de mulheres negras artistas, fizemos um recorte das entrevistas realizadas com as artistas mulheres negras que selecionamos para a pesquisa.

As respostas que trazemos neste artigo são referentes a perguntas específicas sobre o conhecimento delas acerca do design feminista e de como as características desse tipo de design pode contribuir para a valorização de sua arte. Para atender aos procedimentos éticos foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) no qual foram explicados o tema, os objetivos e os procedimentos metodológicos da pesquisa. O documento foi enviado previamente às artistas, que assinaram digitalmente através de assinatura eletrônica.

Trabalhamos com quatro artistas, sendo três que fizeram parte da Residência Artística Garganta que aconteceu no Goethe-Institut, em Porto Alegre, e uma que foi escolhida por ter recebido o prêmio. A residência foi organizada pela Feira Garganta e pelo OCorre Lab, de abril até setembro de 2024, tendo sido atravessada pela enchente de maio no Rio Grande do Sul (Jornal do Comércio, 2024). A atividade foi concebida como um espaço de convivência e colaboração, onde pessoas artistas racializadas, LGBTQPIAN+ e PCDs são selecionadas para explorar os elementos das artes visuais. As artistas negras que participaram dessa residência foram: Fayola Ferreira, Karla Oliveira, Mitti Mendonça e Pâmela Zorn. Essas escolhas se deram devido ao recorte desta pesquisa, do local social que essas artistas ocupam na cidade e pelo que representam na cena artística de Porto Alegre.

Fayola Ferreira, Karla Oliveira, Mitti Mendonça e Pâmela Zorn são jovens mulheres negras adultas em pleno desenvolvimento de suas trajetórias, com idades entre 25 e 40 anos. Em nossa análise, observamos que elas residem ou possuem vivências profundamente vinculadas a diversas regiões de Porto Alegre e da região metropolitana, com destaque para a presença em bairros periféricos e nos “entornos” das Zonas Norte e Sul da

capital. Quanto aos tipos de produção artística, identificamos uma pluralidade de linguagens que articulam subjetividade e política: Pâmela Zorn foca na pintura para investigar a autoimagem e a representação de famílias negras, tendo como inspiração as fotografias analógicas; Mitti Mendonça e Karla Oliveira desenvolvem trabalhos em artes têxteis e bordado, conectando a manualidade à ancestralidade e ao uso de fotografias afetivas; e Fayola Ferreira utiliza a performance como principal meio de produção artística para discutir transgeneridade e a orixalidade.

Os relatos de Mitti, Karla, Fayola e Pâmela revelam um entendimento vivo, sensível e situado do que pode ser o design feminista a partir da experiência de mulheres negras artistas em Porto Alegre. Ainda que nenhuma das entrevistadas declare ter uma formação teórica sistemática sobre o conceito, suas falas deixam evidente que suas práticas artísticas incorporam muitos dos princípios que fundamentam o design feminista — como a valorização da experiência vivida, a centralidade do cuidado, a crítica à hegemonia visual e institucional, e a proposição de novas formas de visibilidade. Quando interpretadas à luz do feminismo negro, essas vozes mostram como o design feminista, tal como é frequentemente discutido nos meios acadêmicos e institucionais, ainda carece de integração com epistemologias e práticas que já estão sendo produzidas nas margens por artistas negras que fazem da arte um ato de cura, resistência e reinvenção política.

Mitti, por exemplo, associa o design feminista a uma forma de comunicação visual ativista, capaz de construir identidades visuais e narrativas contra-hegemônicas. “Nunca ouvi esse termo em específico, assim, né? Esse conceito de design feminista. Mas eu acredito em design que... é um design ativista, assim, né?”, afirma. Embora diga não conhecer o conceito formalmente, sua fala demonstra um alinhamento com os princípios do design como instrumento de mediação estética e política. Para ela, o design é uma forma de “comunicação visual” que pode alcançar pessoas a partir de símbolos e imagens e, por isso, deve ser carregado de intencionalidade política. Sua trajetória como artista é profundamente marcada por uma motivação ancestral e coletiva: “parte muito dessa motivação, dessa ancestralidade”. Ao mencionar que ser artista é ser múltipla e que gosta de “moda, de design gráfico, de ilustração”, Mitti propõe um entendimento do design que ultrapassa a lógica funcionalista e técnica, e se aproxima de uma prática poética, afetiva e colaborativa. A criação da “Mão Negra⁸”, segundo ela, surgiu da percepção de que “não me via representada” e da necessidade de abordar “essas questões negras na arte”, de modo a articular identidade, política e criação visual. Sua leitura de design feminista se conecta, portanto, a uma prática que visa romper apagamentos e construir presença.

Já Karla interpreta o design feminista como uma prática que rompe com o modelo dominante — frio, técnico e excludente — e propõe um olhar mais cuidadoso, acolhedor e conectado às humanidades: “Eu já ouvi falar, mas acho que de cabeça eu não saberia conceituar corretamente o que é design feminista. Mas eu penso num design que é preocupado com as humanidades, com um olhar mais acolhedor para o que está produzindo”.

⁸ MÃO NEGRA – Ateliê de arte têxtil. Ateliê e loja de arte têxtil autoral da artista Mitti Mendonça. Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://www.maonegra.com.br/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Ela propõe um contraste entre esse olhar feminista e o design tradicional, que ela descreve como “frio” e “muito autocentrado”, feito por “corpos que circulam com muita segurança de si”. Karla relaciona diretamente essa sensibilidade com sua própria prática artística: “Ela [a arte] não teria como existir se não conectada com isso, sabe?”. A sua criação está profundamente vinculada ao desejo de “curar” e “ressignificar sentimentos”, e de produzir obras que possam ser “experimentadas por outras pessoas”. Sua fala ressoa com o pensamento de autoras como bell hooks, que defendem a arte como prática de cura coletiva e transformação afetiva. Para Karla, o design feminista — especialmente quando aliado a uma perspectiva negra — não é um acessório estético, mas uma condição de possibilidade para que sua arte exista como espaço de sonho e expressão de subjetividades plurais.

Fayola, por sua vez, traz para o centro do debate o fazer artístico a partir da escassez, da performance e da criatividade radical. Sua produção de roupas e figurinos para a cena Ballroom envolve a ressignificação de objetos cotidianos — “usei os cabelos, usei balões, usei cordas, enfim, miçangas, outros objetos” — num gesto que é simultaneamente estético, político e identitário. Ao dizer “não sei se é isso, mas fico pensando em como ressignificar os objetos”, Fayola aponta para um fazer que escapa das categorias formais do design, mas que opera nos mesmos territórios: corpo, materialidade, imagem e afeto. Essa prática ressoa com o design feminista na medida em que desafia normas estabelecidas e incorpora uma dimensão de experimentação e reinvenção do mundo a partir das margens. Além disso, Fayola propõe caminhos concretos de valorização da arte feita por mulheres negras e trans, com base na criação de espaços coletivos e estruturais: “acho que seria algum investimento pra essas coletividades”, “alguma proposta que tivesse algum recurso de transporte, de remuneração pra esse coletivo”, ou que “instituições culturais pudessem oferecer algum espaço”. Sua proposta transforma o design feminista em uma plataforma de ação coletiva, voltada à sustentabilidade das práticas artísticas dissidentes.

Pâmela Zorn revela não conhecer o termo, afirmando: “olha, sendo muito honesta, não sei, design feminista, e tu falando agora, é a primeira vez que eu escuto”. Apesar da falta de conhecimento, ela aciona elementos próximos à ideia de equidade ao comentar: “feminista a gente pensa na questão, talvez, imagino que seja mais protagonizado por mulheres, ou que busque uma equidade de alguma forma”. Essa correlação que a artista faz é fundamental, visto que o conceito permeia esse campo da luta por equidade dentro das práticas de design, principalmente, nas projeções que envolvem essa área.

As falas das quatro artistas evidenciam que o design feminista, quando atravessado pelo feminismo negro, deixa de ser apenas um campo conceitual ou acadêmico para se tornar uma prática cotidiana, situada e transformadora. Suas produções não apenas refletem os princípios do design feminista, mas os expandem e os radicalizam a partir de experiências que são, historicamente, ignoradas pelo *mainstream* do design. A ausência de reconhecimento formal dessas práticas no campo revela, como aponta Carla Akotirene (2019), que o feminismo hegemônico ainda falha em incluir os saberes de mulheres negras como centrais. Portanto, ouvir essas artistas e reconhecer suas práticas como formas legítimas e consistentes de design é um passo fundamental para reconfigurar o campo de maneira realmente interseccional, plural e comprometida com a transformação social.

Considerações finais

A partir das entrevistas realizadas com artistas negras de Porto Alegre e da análise teórica desenvolvida ao longo deste artigo, é possível afirmar que o design feminista, quando atravessado pelas epistemologias do feminismo negro, torna-se uma prática viva, situada e profundamente conectada às experiências concretas de mulheres negras. Longe de ser uma abordagem restrita ao campo acadêmico ou institucional, o design feminista se revela, nas vozes e criações dessas artistas, como uma ferramenta de resistência, reinvenção e justiça social (Costanza-Chock, 2020; Harrington, 2020).

O processo criativo dessas mulheres evidencia que o design pode — e deve — ser conduzido a partir de experiências marginalizadas, operando como dispositivo ético e estético para repensar o mundo. As falas de Mitti, Karla, Fayola e Pâmela demonstram que, mesmo sem recorrer diretamente ao vocabulário técnico do design feminista, suas práticas já incorporam os princípios fundamentais dessa abordagem: cuidado, escuta, ancestralidade, corpo, coletividade e afetividade (hooks, 1995; Prado Martins, 2017). Essa constatação reforça a urgência de expandir as fronteiras do design para incluir epistemologias que historicamente foram ignoradas ou silenciadas — uma crítica já presente nas reflexões de autoras como bell hooks (1995), Carla Akotirene (2019), e Kimberlé Crenshaw (1991).

A contribuição dessas artistas negras para o campo do design não se limita à crítica das estruturas excludentes; elas oferecem caminhos concretos para uma prática projetual transformadora, ancorada na experiência vivida e na valorização de saberes situados (Perez, 2022). Assim, ao reconhecer suas produções como formas legítimas de design, não apenas ampliamos o escopo epistemológico da área, mas também fortalecemos a construção de um design verdadeiramente interseccional, que se compromete com a equidade e a pluralidade (Costanza-Chock, 2020; Crenshaw, 1991).

Além de evidenciar a riqueza e a potência das práticas de design feminista incorporadas pelas artistas negras de Porto Alegre, a fala de Pâmela Zorn nos lembra da importância do conceito de design feminista ser mais acessível e dialogado com quem atua no campo artístico e criativo, especialmente, com aquelas que não transitam nos espaços acadêmicos.

Esse distanciamento entre teoria e prática revela um desafio crucial: para que o design feminista cumpra seu papel emancipatório e transformador é fundamental que suas discussões, princípios e ferramentas circulem de forma mais inclusiva, alcançando e sendo apropriados por diferentes grupos, territórios e práticas culturais. Assim, o design feminista não será apenas um campo conceitual restrito, mas uma prática viva, situada e ampliada pelas experiências e saberes de mulheres negras que fazem da arte um instrumento de resistência, cura e reinvenção social.

Em um cenário no qual a exclusão ainda marca profundamente o campo das artes e do design, este estudo evidencia a importância de escutar, registrar e legitimar as práticas de mulheres negras artistas como fonte de conhecimento, inovação e ruptura. É nesse encontro entre arte, design e feminismo negro que emergem as possibilidades de um design outro — um design que se faz com o corpo, com o afeto e com o desejo de um mundo mais justo (Haraway, 1985; Butler, 1990; Akotirene, 2019).

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?**. 1. ed. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- ALVES, José Francisco (Org.). **Experiências em Arte Pública: Memória e Atualidade**. Porto Alegre: Artfolio e Editora da Cidade, 2008.
- BARROS, Antônio J. DUARTE. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. [S.l.]: [s.n.], 2005.
- BONETTO, Helena. **A invisibilidade negra na cidade de Porto Alegre**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/189048> Acesso: 02 mar. 2026.
- BUTTLE, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Salão de Artes Plásticas da Câmara está aberto até o dia 8 de novembro**. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/salao-de-artes-plasticas-da-camara-esta-a-berto-ate-8-de-novembro>. Acesso em: 15 out. 2024.
- CARNEIRO, A. Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo – USP. Tese de Doutorado, 2005.
- COSTANZA-CHOCK, Sasha. **Design justice: community-led practices to build the worlds we need**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2020.
- CRENSHAW, K. **Mapping the Margins**. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, 1991.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EGEDE, Lisa; CONEY, Leslie; JOHNSON, Brittany; HARRINGTON, Christina; FORD, Denae. **“For Us By Us”: Intentionally Designing Technology for Lived Black Experiences**. DIS ‘24: Proceedings of the 2024 ACM Designing Interactive Systems Conference. 2024. Acesso: 29 jul. 2025.
- ESTADÃO. **Estados brasileiros com maior economia e participação no PIB: veja ranking**. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/estados-brasileiros-maior-economia-participacao-pib-veja-ranking-nprei/>. Acesso em: 06 de abril 2024.

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz (Fiocruz). Especial: **O Ministério da Saúde e o PNI - A cor da desigualdade**: a política de saúde integral da população negra. COC Fiocruz, [Online]. Disponível em: [https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2478-especial-o-ministerio-da-saude-e-o-pni-a-cor-da-desigualdade-a-politica-de-saude-integral-da-populacao-negra.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20Pesquisa%20Nacional,2022%20\(IBGE%2C%202022b\)](https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2478-especial-o-ministerio-da-saude-e-o-pni-a-cor-da-desigualdade-a-politica-de-saude-integral-da-populacao-negra.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20Pesquisa%20Nacional,2022%20(IBGE%2C%202022b).). Acesso em: 26 out. 2024.

G1. **Dia da Consciência Negra**: Porto Alegre inaugura estátua de Zumbi dos Palmares. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/11/20/dia-da-consciencia-negra-porto-alegre-inaugura-estatua-de-zumbi-dos-palmares.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. New York: Routledge, 1985.

HOOKS, bell. **Artistas mulheres**: o processo criativo. Tradução de Ligia Azevedo. [S.l.]: Nat Loyola, 2021. Disponível em: <https://natloyola.com/wp-content/uploads/2021/11/01-Artistas-mulheres-Bell-Hooks-2.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama**. [Online]. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 26 out. 2023.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas Geográfico Escolar**. [Online]. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101687.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2024.

JORNAL do Comércio. **Mostra final da residência Garganta acontece nesta quinta-feira no Goethe-Institut**. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/cultura/2024/09/1170864-mostra-final-da-residencia-garganta-acontece-nesta-quinta-feira-no-goethe-institut.html>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARTINS, Luisa Prado. **Technoecologies of Birth Control**: Biopolitics by Design. Dissertation zur Erlangung des akademischen Grades. Disponível em: https://www.dropbox.com/scl/fi/tuu148yhu100f8sji71xw/Prado_Techoecologies-of-BC.pdf?e=2&fbclid=IwAR1Aj13M208f6_UHhpVvLYhAh5G_qyEq9szE1yhvQpykcpEaeFI0N7QT9fdI&rlkey=ajs8ed1eu67ag58069hejsln0&dl=0. Acesso: 29 jul. 2025.

MATINAL JORNALISMO. **Homens brancos são 60% dos homenageados em monumentos de Porto Alegre**. Matinal Jornalismo. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/homens-brancos-sao-60-dos-homenageados-em-monumentos-de-porto-alegre/>. Acesso em 21 de abril de 2024.

PEREZ, Caroline Criado. **Mulheres invisíveis**: o viés dos dados em um mundo projetado para homens. Tradução de Renata Guerra. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SILVA, Vitória Régia da; MARTINS, Flávia Bozza. **Trabalhadores negros e a cultura**. Gênero e Número, [Online]. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/trabalhadores-negros-cultura/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

VALOR ECONOMICO. Veja quantas mulheres tem no Brasil. G1, [Online]. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/stories/2023/10/30/veja-quantas-mulheres-tem-no-brasil.ghml>. Acesso em: 26 out. 2024.

VARGAS, Rosane. **Visibilidade Invisível**: a presença feminina na Escola de Artes de Porto Alegre (1910-1936). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/209912/001112472.pdf?sequence=1> Acesso: 02 mar. 2026.